

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

Quando a criança é educadora:

Arte contemporânea na Educação Infantil

Resumo: Tendo como foco principal a reflexão sobre o ensino e aprendizagem de arte contemporânea para crianças em um espaço expositivo, o presente artigo analisa a mediação e tudo que nela comporta para além do objeto de arte, como o espaço, a iluminação, a climatização e a disposição das obras. Essa reflexão deriva de uma experiência de um educativo voltado para crianças de escolas particulares do município de Vitória (ES). A exposição em questão, mediada para as crianças, *Confluências em verde*, foi realizada na galeria de arte contemporânea Matias Brotas. O educativo se constituiu em proposições artísticas em torno da temática e da materialidade da própria exposição da artista Mai-Britt Wolthers. A análise do processo se baliza em autores que discutem sobre mediação e educação, sobre a produção artística contemporânea e sobre as práticas e os resultados artísticos do educativo da galeria MBac (Matias Brotas Arte Contemporânea) do ano de 2019, são eles: Barbosa (2001; 2010; 2015), Basbaum (2007), Benjamin (1996), Dewey (2010), Fantin (2008), Martins (2013), Menezes (2007) e Tembo (2013).

Palavras-chave: Crianças. Arte. Espaço expositivo. Educação.

When the child is an educator:

contemporary art in early childhood education

Abstract: With the main focus on reflecting teaching and learning of contemporary art for children in an exhibition space, this article analyzes mediation and everything it encompasses beyond the artwork itself, such as space, lighting, acclimatization system, and the arrangement of the pieces. This reflection comes from an educational experience aimed at children from private schools in the city of Vitória, ES. The exhibition in question, mediated for those children, titled "Confluências em verde", was held at the Matias Brotas contemporary art gallery. The educational program consisted of artistic proposals centered around the theme and materiality of the artist Mai-Britt Wolthers' own exhibition. The analysis of the process is guided by authors who discuss mediation and education, contemporary artistic production, and the artistic practices and results of the educational program at MBac (Matias Brotas Contemporary Art Gallery) in 2019. These authors include Barbosa (2001; 2010; 2015),

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro
Isabela Vieira Martins

Basbaum (2007), Benjamin (1996), Dewey (2010), Fantin (2008), Martins (2013), Menezes (2007) and Tembo (2013).

Keywords: Children. Art. Exhibition space. Education.

Parte 1

“[...] a criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito menos as que o adulto concebe como tal. A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas.”
Benjamin (1996, p. 236)

O ensino de arte no Brasil se estabelece inicialmente em espaços formais de aprendizagem, posteriormente nas escolinhas de arte do Brasil e somente no ano de 1973 ocorreria a sistematização da licenciatura em artes visuais (ou educação artística), com o objetivo de profissionalizar a carreira docente. Não obstante, em diálogo com as viradas paradigmáticas do ensino de arte, tal profissionalização acontece concomitante à virada moderna em sua segunda fase, denominada “especificidade das linguagens”, como descrito por Barbosa (2015, p. 2952-2953):

1. Virada Industrial (1880-1920) – Alfabetização, feita por políticos e literatos: Rui Barbosa, André Rebouças, liberais e positivistas.
2. Virada Modernista (em duas fases) 1ª fase – Expressionista (anos 1920 aos 1950), feita por intelectuais, educadores, artistas e literatos: Fernando de Azevedo, Cecília Meireles, Mario de Andrade, Theodoro Braga, Anita Malfatti, Nerêo Sampaio, Edgar Sussekind de Mendonça, as Escolas Profissionais e Técnicas, Movimento Escolinhas de Arte.
- 2ª fase – Especificidade das linguagens (anos 1960 e 1970), defendida nas universidades por críticos, historiadores, arte-educadores, arquitetos e designers com a criação da ESDI, quando começamos a usar a expressão “design”, do ICA /UNB, da ECA/USP, etc.¹

¹ Grifo nosso.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

3. Virada Pós-Moderna (anos 1980 e 1990) – Integração das Artes Visuais com as tecnologias contemporâneas, os meios audiovisuais, a web, os Estudos Culturais e Visuais, o Interculturalismo (Cultura), envolvimento de artistas, críticos, historiadores e arte-educadores.

4. Virada educacional dos artistas (anos 2000), está sendo feita pelos doutorados nas universidades, curadores e artistas, estabelecendo a relação da Arte com o Público, mas não dá para saber ainda se chegará a bom termo.

Em diálogo com essa autora, a terceira virada abriga outro marco importante na história do ensino de arte no Brasil, a sistematização da abordagem triangular que advém do DBAE² na Virada Pós-Moderna, cujos atravessamentos são citados acima.

No contexto sócio-histórico da segunda e terceira viradas paradigmáticas, vivenciamos no panorama brasileiro um regime político militarizado, a abertura política e a aprovação da Constituição cidadã. Esses e outros fatos históricos foram determinantes para a educação durante as décadas de 1970, 1980 e 1990, que, durante a terceira virada paradigmática, proporcionou um cenário educacional profícuo para mudanças, a considerar o longo período de censura praticado pelo governo militar e as práticas tecnicistas e tradicionais ainda vigentes no ensino de arte.

O anseio por mudanças, a abertura de programas de pós-graduação em arte com linhas específicas em arte-educação, os PCNs e a arte como disciplina consolidaram algumas práticas de ensino no campo escolar, ou seja, buscou-se o reconhecimento da área de arte como conhecimento autônomo e afirmou-se a urgência em potencializar metodologias que desempenhassem esse papel. Desse modo, a abordagem triangular se instaurou como uma tendência pedagógica que influenciou e ainda influencia o ensino de arte, disseminada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, a qual defende que o ensino de arte não se restringe apenas em conteúdo, mas incentiva o desempenho da criação artístico reflexiva.

² Discipline-based art education, é baseado nas disciplinas estética, história e crítica, e numa ação, o fazer artístico. Foi a mais persuasiva das abordagens, influenciando vários países.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

A equivocada interpretação da abordagem triangular levou a entender que Ana Mae Barbosa receitava passo a passo de como ensinar arte fazendo releituras e até mesmo cópias do objeto artístico ensinado. Na verdade, essa perspectiva metodológica não apresenta uma estrutura fixa, muito menos receitas diretivas, e sim rotas propositivas e flexíveis conciliadas com o contexto em que se media o ensino de arte (BARBOSA, 2010).

Tal equívoco, poderíamos conjecturar, acontece em função da herança do ensino de arte moderna (europeia e brasileira), a dinâmica que ainda prevalece da produtividade e os resultados frente ao processo no âmbito escolar (MENEZES, 2007). Por outro ângulo, pela própria estrutura escolar com seus currículos prescritos, hierarquias disciplinares e os programas de formação de professor/a podem ainda apregoar conceitos e práticas estruturalmente industriais e modernas.

A considerar o cenário de ensino de arte em espaços formais de aprendizagem, ainda que legalmente principiante e com tamanhos desafios, o que poderíamos dizer sobre os espaços no campo extraescolar, aqui especificamente os espaços expositivos? É sabido que a área de ensino nesses espaços começou com uma perspectiva também prescritiva e epistemologicamente circunscrita a partir de uma lógica de treino com a criação de “guias” ou “monitores” e roteiros estabelecidos como que mecanizados.

Ao atentarmos à recente história dos programas educativos em museus e galerias de arte, observou-se uma crescente preocupação com tais terminologias e práticas que em breve substituiriam “guias” e “monitores” por “mediadores” e “educadores”. Ressalta-se aqui que não foram somente nomenclaturas novas, mas também a busca por processos metodológicos pertinentes à museografia e museologia.

Estaria inaugurada então uma nova área do ensino de arte, agora em espaços expositivos, no entanto, as pesquisas sobre suas especificidades ainda seriam confrontadas com as complexidades já existentes em outros campos de aprendizagem, como a escola. E, principalmente, com a formação desse novo profissional que não raras vezes era o mesmo com

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

formação estritamente escolar, imbuído em metodologias amplamente praticadas nesse espaço, ou seja, um pensamento escolar no espaço expositivo.

Parte 2

Dewey (2010) nos dá várias pistas para o entendimento da arte como experiência, autor amplamente lido e citado, mas o que nos interessa é o diálogo possível com a arte contemporânea, pois é nela que, na maior parte das vezes, a experiência extrapola uma linguagem única e se complexifica no cômputo da própria vivência ao convocar o corpo/corporeidade à experiência do/a espectador/a.

É no público infantil que mais percebemos essa entrega sensorial e estética para além das lógicas inteligíveis e racionais presentes em outros públicos com maior idade ou mais aproximação com a arte. A liberdade inteligível da criança oferece a mesma intensidade de entrega e apreço a aspectos lúdicos, disponíveis, espontâneos e curiosos como atitude de pesquisa, para o acesso e produção de criações educativas contemporâneas associadas às manifestações artísticas também da contemporaneidade.

Não queremos, com isso, afirmar uma lógica prescritiva na qual inserem-se todas as manifestações de arte, sabemos das muitas variações do que se compreende arte no escopo contemporâneo; no entanto, vale salientar a espontaneidade da criança ao se aproximar das mais variadas manifestações da arte contemporânea como quem já tem intimidade e não se sente intimidada pela incompreensão ou não entendimento do que está posto no museu ou galeria.

Alguns aspectos que demandam nossa atenção quanto ao disposto acima são a locomoção, a espacialidade e a temporalidade para as crianças acessarem a arte no espaço expositivo. Enquanto na escola tanto o deslocamento e a disposição espacial já são sujeitos presentes no cotidiano dessa criança quanto a lógica temporal das aulas também estabelece uma mesma programação na educação infantil, no espaço expositivo, porém, tudo isso se subverte. Desse modo, a experiência proposta por Dewey (2010) estabelece um novo contorno com as

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

visitas em espaços expositivos de arte ao provocar a participação ativa do corpo, contudo mesmo com tantos deslocamentos de sentidos, muitas vezes observamos práticas fundamentalmente escolares nos museus, algumas até modernistas diante da arte contemporânea, com estratégias didáticas e proposições metodológicas pouco condizentes com o modo sensível de aprendizagem da criança e da apresentação estética patente na arte contemporânea.

Nos inquieta pensar sobre tal paradoxo, afinal, há na criança um apreciador contemporâneo que é questionador e até mesmo insurgente, mas que encontra formatação, por vezes absoluta para seu desenvolvimento estético, obliterando sua organicidade e fluidez com a manifestação artística. Poderíamos citar algumas hipóteses para essa questão, como a educação infantil vista sob o prisma da produtividade capitalista que afeta os valores das instituições museais, familiares e escolares; a educação infantil restritiva ao conceito de que a criança pequena necessita de processos concretos de aprendizagem. O que nos leva a outro debate, afinal, a criança como sujeito sócio-histórico não nega sua subjetividade, fantasia e encantamento pelo mundo que se apresenta a ela com e pela sua rede sensorial, portanto, “aprendizagem concreta” na infância estaria pautada em um enredado processo de elementos dinâmicos e não estruturados entre “[...] afetiva, sensorial, simbólica, estética, formal, não-formal, informal e não circunscrita ao tempo/espaço” (FANTIN, 2008, p. 154).

Desse modo, entende-se que o que é concreto para a criança não é, necessariamente, o mesmo concreto que o adulto preconiza, ou ainda um desejo de controle e de garantia de aprendizado fortemente associado a práticas educativas modernas, as quais os/as educadores/as administram todo o processo. Tais hipóteses coabitaram as ações educativas na galeria de arte contemporânea estudada e o que nos interessa é relatar uma experiência de arte-educação com crianças pequenas, assim como aconteceu, evidenciando as ações educativas presentes nesse contexto.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro
Isabela Vieira Martins

Parte 3

A galeria em questão se situa em Vitória (ES) e se denomina Galeria Matias Brotas Arte Contemporânea (MBac). Trata-se de uma galeria comercial que atua no mercado de arte há 18 anos e que, no ano de 2019, manifestou o interesse em criar um programa educativo voltado ao público infantojuvenil. Sem trajetória na educação, a galeria convidou a professora Adriana Magro para contribuir no desenho de um educativo que foi intitulado *ArteCria*. O objetivo era atender crianças e adolescentes das escolas da rede privada de ensino de Vitória e região.

A parceria com as escolas aconteceu por intermédio da galeria, várias escolas agendaram visitas à exposição *Confluências em verde*, da artista Mai-Britt Wolthers. A exposição apresentou quadros bidimensionais de grandes proporções, dípticos em diálogo com objetos e uma escultura no centro do espaço expositivo. A expografia permitia a livre circulação pelo espaço e campo aberto para contornar e apreciar a escultura.

Imagens 01 e 02: Panorama da exposição *Confluências em verde*, Wolthers (2019), na MBac.



Fonte: acervo da galeria MBac.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

Todos os trabalhos impactaram de algum modo o público infantil, mas o destaque ficou com a escultura no centro da galeria por ser um grande galho de árvore e de fácil reconhecimento, mas, sobretudo, pela cor azul presente nele e na base que o sustenta.

Em diálogo com a exposição, às atividades educativas foram pensadas para tangenciar as perspectivas conceituais artísticas da contemporaneidade. Assim como a realidade contemporânea está em elaboração, a arte desse tempo se encontra na mesma situação. Da mesma maneira, o ensino de arte extraescolar não diverge dessa atualização, buscando por uma contemporização em sua prática metodológica.

Desse modo, aliando o largo enredamento de desejos da galeria, das escolas e das famílias, um processo educativo semiestruturado foi pensado não como um absoluto, mas como balizador do modo como as crianças chegavam e se organizavam diante dos trabalhos em exposição. Um conjunto de perguntas provocadoras foi elaborado com o objetivo de visibilizar a mescla dos trabalhos artísticos contemporâneos com outros campos da vida: político, social, cultural, étnico-racial e ecológico. Em vista disso, explicar sobre arte é tão abrangente quanto explicar sobre a vida. Depreende-se que a compreensão é individual e subjetiva, ou seja, cada um vai entender, sentir, olhar, pensar e reconhecer a obra de arte do seu jeito, e que isso só acontece a partir da existência de cada um, a seu modo de interpretar as coisas do mundo que participa.

A dinâmica do encontro com as crianças na galeria aludiu aos processos pedagógicos construídos nas instituições escolares relacionando com a abordagem triangular e a proposta sequenciada: primeiro o olhar, apreciar (ver as obras e caminhar pelo espaço), depois conversar, partilhar (falar sobre as obras, sobre o espaço e sobre a própria interpretação) e por último realizar uma atividade que estabelece uma relação com a exposição mediada.

No entanto, a criança pequena subverte a lógica de que o/a espectador/a é apenas “olho”, que se centra no olhar de longe, olhar de perto, olhar as minúcias, olhar no conjunto ou individualmente. O/a espectador/a moderno restringia-se ao “olhar atento”, cujo silêncio denota

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro
Isabela Vieira Martins

concentração, acuidade e zelo apreciativo em que o olho é o cérebro. A criança testemunha³ contemporânea, se lança ao espaço, joga o corpo numa “quase dança”, e não só a arte como também a galeria se inundam da experiência sensorial/histórica dessas crianças que produzem sua cultura brincando.

Segundo Basbaum (2007, p. 104), “[...] o trabalho contemporâneo estende-se sobre o espectador de modo ostensivo, demonstrando de maneira radical a impossibilidade de uma ‘contemplação indiferente’ [...]”, considerando a criança pequena que testemunha a arte contemporânea e se sente convocada a brincar, a fazer de conta, a fantasiar sobre as relações sociais e pessoais ali presentes, e também aquelas situações e relações que habitam outras esferas de sua vida, ela não aceita nenhum roteiro, ainda que semiestruturado, que possa impedir que corporifique novas bases de experiências significativas. Assim ocorreu na galeria Matias Brotas em vários momentos da edição do *ArteCria*, de 2019.

Imagens 03 e 04: Educativo com crianças na exposição *Confluências em verde*, Wolthers (2019), na MBac.



Fonte: acervo da galeria MBac.

³ Nesse ponto do texto, substituímos o termo “espectador” por testemunha, pois compreendemos que para pensar o ensino da arte contemporânea para crianças o termo espectador não nos atende mais.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

*Adriana Magro
Isabela Vieira Martins*

Parte 4. A criança educadora: à guisa de conclusão

Os processos de mediação na arte não se dão apenas com o contato do espectador, mas com a exposição e sua expografia. A reflexão da experiência das crianças com a exposição se deve ao modo como a expografia do espaço favorecem na introspecção com as obras artísticas. Isto é, sobre como um conjunto de pressupostos técnicos dispostos no espaço influenciam a experiência estética sobre os sujeitos. A luz do ambiente neutra, difusa e posicionada no teto fazia com que a iluminação se espalhasse largamente por todas as direções, propiciando um ambiente iluminado; se a luz fosse incisiva, prejudicaria a apreciação. As obras recebem um *spot* de luz enaltecendo ainda mais as cores compostas nas obras.

A altura dos quadros posicionados mais baixo do que o comum propiciava uma visibilidade melhor para as crianças. A distância de uma obra para outra dão um respiro visual, uma espécie de descanso, com tempo para ir de uma obra para outra sem que a apreciação fosse atribulada com informações demais e atrapalhasse a harmonia entre elas. Frederico Morais (2016, s/p) aludiu que “o corpo é o motor da obra”, ou seja, os sujeitos são a engrenagem que interagem com a exposição atravessando-a com seus sentidos, afetos e intelectos, tencionando o limite interpretativo das obras e concretizando o trabalho artístico em si. Nesse sentido, a cautela nos posicionamentos dos quadros na parede oportuniza a concessão para crianças acessarem as obras gerando compreensibilidade a esse público.

A dimensão espacial da galeria apresenta o pé direito bem alto, o que causa deslumbramento nas crianças e curiosidade para conhecer os trabalhos artísticos e o espaço. As paredes brancas foram pensadas para não intervirem ou conflitarem com as obras, pois a sobreposição de muitas cores pode incomodar a visualidade dos sujeitos desfavorecendo a percepção ativa e a estética das obras em si. O chão é liso para que as crianças no ato de testemunhar cada objeto de arte ali presente pudessem se locomover com facilidade pelo espaço dimensionado, sem interrupções, favorecendo um andar despreocupado.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

*Adriana Magro
Isabela Vieira Martins*

A mediação e a expografia planeiam espaços acolhedores e um dos papéis dos educadores é de aplacar a anestesia que leva à indiferença defronte às obras. Nem a expografia nem o educativo podem endossar o discurso da criança, uma vez que as crianças apresentam pensamento reflexivo, argumentador e inventivo, conseguindo explicar suas interpretações e devaneios e exemplificando suas compreensões sobre o tema proposto. Assume-se a criança como coprodutora, participante, testemunha em vez de espectadora e contempladora da exposição.

Mediar uma exposição de arte contemporânea para crianças pode parecer desafiante, mas principiando com alguns questionamentos básicos para engendrar sentido e compreensão, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico, a criança se sente instigada e convidada a pensar e responder. Portanto, na mediação com as crianças, para que elas mesmas definissem seus percursos na exposição, foi semiestruturado um olhar investigativo, perguntando para elas: “Qual é o título da exposição? Qual é a primeira reação que vocês tiveram ao ver os trabalhos? Do que a obra é feita? Por que o artista escolheu aquele material? Quais elementos unem essa exposição? Quais cores foram escolhidas? Quais formas (geométricas) foram usadas? Quais os temas foram apresentados na exposição?”. A criança como testemunha conta com o apoio do educador para estimular discussões e lançar novas perguntas (MARTINS, 2013).

Imagens 05 e 06: Educativo com crianças na exposição *Confluências em verde*, Wolthers (2019), na Mbac.



Fonte: acervo da galeria MBac.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

Conforme as crianças analisavam e respondiam os questionamentos planejados para o educativo, evidenciou-se que elas interpretaram da maneira que quiseram as obras de arte. As crianças como sujeitos construídos, que repassam as vivências e aprendizagens absorvidas, passaram a mediar a exposição com sua forma de ver e pensar o mundo. A criança que educa no processo, que questiona nossos procedimentos e nossos valores, fomenta um desencadeamento de respostas corretas e pré-fixadas. Ela transcende o certo/errado ao se incorporar testemunha do processo educativo. Trocou-se a forma de pensar de “o que as crianças podem aprender com a mediação?” para “o que a mediação pode aprender com as crianças?”. Como afirma Tembo (2013, p. 38), “a maior autonomia possível não é chegar ao resultado esperado, mas saber construir o seu caminho para chegar a algum ponto.”

Quanto mais curiosa a criança for, mais a obra artística vai falar com ela. O processo de descobrimento promove novas formas de pensar e, portanto, promove a criatividade. As crianças são convidadas a se sentirem artistas naquele momento de produção e se apropriarem da potência que são os estudos, conteúdos e práticas de arte. Foi desenvolvida uma relação amistosa com as crianças sem esperar que elas tivessem contato com a produção social e histórica da arte. Em ato, valorizamos os processos da livre expressão das crianças respeitando suas subjetividades e seus modos de construção de conhecimentos sociais e pessoais.

Em reciprocidade, as crianças apresentaram sensibilização com a exposição apresentada. Transgredindo o formalismo engessado, elas apresentaram criatividade, inventividade e abstraíram as formas/desenhos nos quadros e a árvore colocada no centro da exposição ao afirmarem que estavam vendo o que poderia ser um sofá, ou um elefante, ou um galho feito de argila. Enquanto nós, os educadores, somos moldados sob pré-concepções, justaposições sobre materialidade, técnicas e referenciais artísticos acadêmicos, as crianças apresentaram uma outra dimensão dialógica de ludicidade interdiscursiva com a tematização das obras, na medida em que ressignificaram as formas desenhadas e hibridizaram com outras

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação InfantilAdriana Magro
Isabela Vieira Martins

áreas (outros contextos não necessariamente relacionados com a esfera artística), apresentando outras possibilidades de apreensão multissensorial.

Em consonância com a exposição, as crianças produziram arvorezinhas com massinhas assentadas. Para a preparação das miniaturas de árvores, foram recolhidos gravetos nas calçadas dos arredores da galeria, depois foram pintados de preto com tinta *spray* e, para que a base ficasse firmada mantendo-se a verticalidade desejada, foi utilizado *biscuit* amarelo e azul. As crianças puderam explorar da maneira que quiseram as massinhas coloridas disponibilizadas para cada uma. Dessa forma, elas retraduziram no campo tridimensional a obra instalada da artista Mai-Britt Wolthers.

Imagens 07 e 08: Educativo com crianças na exposição *Confluências em verde*, Wolthers (2019), na MBac



Fonte: acervo da galeria MBac.

As esculturas produzidas promoveram a diversidade de vozes e narrativas, incorporando manifestações e concepções artísticas contemporâneas como a instalação e a relação interativa com o trabalho da artista. A realização dessa ação com as crianças transpôs fronteiras educativas e culturais a partir do momento em que oportunizou e acessibilizou, para o cotidiano dessas crianças, uma proximidade com trabalhos artísticos que estão sendo produzidos na

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

contemporaneidade. A arte entendida como um campo aberto à multitude de relações a torna o elemento unificador para cativar, provocar e fazer pensar.

Imagens 09 e 10: Educativo com crianças na exposição *Confluências em verde*, Wolthers (2019), na MBac



Fonte: acervo da galeria MBac.

No fim da experiência, o que demarca sua completude é a integração e consumação com os sujeitos e não uma cessação, um fim. Uma experiência impulsiona um encontro relacional e aquisição de conhecimentos, não podendo encerrar em si mesma (DEWEY, 2010). Quando se vive uma experiência particular, como colocado por Dewey (2010), deve-se permitir ser atravessado por ela, propõe-se assumir a vulnerabilidade em que há no sujeito para que a introspecção com a exposição aconteça. A exposição é o local onde surgem coletividades advindas pelo grau de participação entre artista e testemunha, artista e educador, artista e obra, educador e obra, testemunha e obra, testemunha e educador. Análogo a essa visão, Tembo (2013, p. 23-24) afirma:

A noção de que o visitante tem que ser guiado por alguém dá a impressão que haja um caminho único a ser percorrido, ou que o visitante seja incapaz de se achar sozinho. A palavra monitor é até mais grave pois traz embutida a noção de controle.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

*Adriana Magro
Isabela Vieira Martins*

Nos dois casos, parece haver pouco espaço para questionamentos e mudanças de rotas, e reforçam uma imagem da qual a pedagogia museal contemporânea tenta se dissociar. Pode parecer um excesso de preciosismo, mas já dizia Paulo Freire que “as palavras são grávidas de mundo” (FREIRE, 1975). É necessário perceber então que mundo queremos conceber com elas, para não entrar numa tremenda contramão.

Ao final do educativo *ArteCria 2019* e em diálogo com *Tembo* (2013), permitimo-nos envolver com os saberes da infância numa atitude de aprendizagem, na medida em que impuseram a nós um deslocamento de sentidos e de saberes quando houve a urgência da autenticidade das relações, convocando o/a educador/a a se desconstruir, abrindo espaço de reflexão para novos caminhos, novas metodologias, novos pensamentos, talvez agora mais “grávidas de mundo”.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Além da cronologia. *In: Formação de professores de artes visuais: mediações, tecnologias e políticas*, Simpósio 6, 2015, Santa Maria. **Anais do 24º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Santa Maria: UFSM/UFES, 2015, p. 2951-2967.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.

BASBAUM, Ricardo. **Além da Pureza Visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DEWEY, John. **Arte como experiência: últimos escritos, 1925-1953**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FANTIN, Monica. Do mito de Sísifo ao voo do Pégaso: as crianças, a formação de professores e a escola estação cultura. *In: FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (Org.)*. **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papirus, 2008.

Quando a criança é educadora: Arte contemporânea na Educação Infantil

Adriana Magro

Isabela Vieira Martins

MARTINS, Luciana Conrado (Org.). **Que público é esse?** São Paulo: Percebe, 2013.

MENEZES, Marina Pereira de. A arte contemporânea como fundamento para o ensino de artes. *In: Dinâmicas epistemológicas em artes visuais*, 2007, Florianópolis. **Anais do 16º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**. Florianópolis: ANPAP, 2007.

MORAIS, Frederico. O corpo é o motor da obra, publicação de 1970. Disponível em: MORAIS, Frederico. Disponível em: <http://arteref.com/gente-de-arte/o-corpo-e-o-motor-da-obra/>. Acesso em: 05 mar. 2016.

TEMBO, Alberto Duvivier. **A visita-jogo: uma alternativa às visitas mediadas em exposições**. Dissertação (Mestrado em Educação Lúdica) – Pós-graduação Educação, Instituto Vera Cruz, São Paulo, 2013.